

A MÚSICA LITÚRGICA — EXPRESSÃO DA COMUNIDADE DE FÉ

Conta-se que São Bernardo, certa noite, em Claraval, durante o ofício das vigílias, viu um anjo junto de cada monge, com uma folha de papel na mão, a escrever. Cada um deles escrevia utilizando materiais diferentes: uns o ouro, outros a prata, a tinta normal ou a água. Alguns estavam parados: não escreviam nada. O santo depois duma observação mais profunda, verificou que os anjos dos monges, que cantavam o ofício com mais fervor, escreviam a ouro ou prata, os dos que o faziam com razoável atenção escreviam a tinta; os anjos daqueles que apenas mexiam os lábios, apontavam a sua boa acção a água, e os que nada escreviam, eram os daqueles que dormiam placidamente.

Este episódio pitoresco do Monge de Claraval pode ajudar-nos a formular algumas perguntas sobre a natureza e o valor da música, especialmente da música nas acções litúrgicas cristãs. Para que serve a música? Que influência tem na vida do homem? Que relação existe entre música e religião? Qual o valor do canto na assembleia cristã?

1 — A MÚSICA

Podíamos definir a música como uma linguagem universal que exprime todas as sensações da vida, através dos sons e dos silêncios. Toda a música é a expressão duma sensibilidade consciente, e por isso, faz com que um pensamento, uma ideia, esteja viva na esfera do sentimento. Ela faz ressoar nos sons a vida íntima, os misteriosos movimentos da alma. Por ela são manifestados os estados morais da

alma. Toda a mitologia antiga atribuiu uma origem divina à música: Aristóteles afirmava que a música é celeste, de natureza divina, e cheia de tal beleza que encanta a alma e a eleva acima da sua condição. Podemos afirmar que a música conduz-nos à beira do infinito e ali nos deixa, por alguns momentos, mergulhar a vista.

O grande Beethoven afirmava que a música é o vínculo que une a vida do espírito à vida dos sentidos.

Sendo a música uma linguagem misteriosa que parte do interior do homem e vai atingi-lo nesse mesmo mundo interior, é, por isso mesmo, de sua natureza imprecisa, embora seja muito expressiva. Segundo a expressão de Taine, ela presta-se, melhor do que qualquer outra arte, para expressar as ideias flutuantes, os sonhos sem forma, os desejos sem objecto e sem limites, a mistura dolorosa e grandiosa dum coração que aspira a tudo e não se prende a nada. Não resisto à tentação de reproduzir as considerações que Cherbuliez escreveu sobre este aspecto: “A música é uma arte que diz o que nenhuma língua pode dizer; existem na alma humana profundezas que se calam; a música empresta uma voz ao seu silêncio, e por ela conhecemos aquilo que está em nosso próprio ser e que não fala. Há um aforismo alemão que define a música como a arte do sentir íntimo.

Apesar deste aspecto intimista da música, ela tem o condão de disciplinar, espiritualizar e transfigurar os elementos mais prosaicos da nossa vida quotidiana, como: o tempo, o espaço, a duração, o movimento, o silêncio e o barulho. Um dos seus elementos primordiais — o ritmo —, está presente em todo o universo. Apesar da desordem aparente, o universo segue “a compasso” como uma orquestra dócil ao seu chefe. O próprio homem, mesmo sem dar por isso, vive mergulhado no ritmo: o andar, a respiração, as pulsações do coração. Há um metrónomo invisível que bate o compasso da sua vida. Foi deste ritmo natural, enriquecido pela musicalidade dum vocábulo ou dum som mais ou menos consciente, que nasceu a música. Do mesmo modo que a trepadeira se apoia na estaca e, subindo, mostra, altiva, as suas folhas ou flores, também a música, enrolando-se nas barras da prisão rítmica se elevou em melodias e harmonias que nos libertam da natural escravidão do ritmo. (Não será por isso que o Canto Grego-

riano, dotado de ritmo livre, eleva, liberta, e cria um clima extra terreno tão propício à oração?)

A música, dizia Beethoven, é uma revelação superior a toda a ciência e filosofia.

Deixando de parte outras considerações histórico-filosóficas pertinentes, passemos a analisar as relações entre a música e o homem.

2 — A MÚSICA E O HOMEM

Ao definirmos a música como linguagem universal da alma já apontamos para a relação música-homem.

Na elaboração desta linguagem universal da música entram em função as faculdades criadoras do homem, a saber: faculdades de impressão, expressão e realização. A impressão é um fenómeno afectivo semelhante a um choque, e nela entram a imaginação e a sensibilidade. A expressão pertence ao plano emotivo e é desenvolvida pelo espírito, inteligência e memória, traduzindo as impressões em sentimentos e emoções. A realização é obra da vontade e da consciência. A linguagem musical é a mais completa de todas porque atinge o homem no seu todo: através do ritmo, atinge a motricidade; pela melodia, atinge a afectividade e, através da estrutura ou composição, atinge a racionalidade. Sendo assim, podemos afirmar que a música ajuda o homem a exprimir-se melhor e a viver mais intensamente.

- a) O homem é mais homem quando canta. O canto enlaça o homem todo: no aspecto físico — entram em actividade a voz, os pulmões, o diafragma; no aspecto fisiológico: a circulação sanguínea, a respiração; no aspecto cerebral — fazem-se apelos à inteligência; no aspecto emotivo — desenvolve o gosto pelo belo.
- b) Sob o ponto de vista antropológico o canto gera: alegria da alma, saúde física ou psíquica, emotividade, remédio para o homem carnal.
- c) Como valor social, o canto proclama, aclama, medita, invoca, serve de mnemónica, faz coesão dum grupo (faz e mantém assembleia) e faz festa.

- d) Como elemento educador do homem: ajuda a formar a vontade, desenvolve o sentido do belo, educa a sensibilidade e produz o equilíbrio das faculdades humanas.

A propósito da formação da vontade pela música, Martinho Lutero escreveu: “A música é uma maneira de disciplina que torna o homem melhor, mais paciente e razoável. Vem de Deus e não dos homens. Por isso, não receio de o dizer: depois da teologia, nenhuma arte lhe pode ser igualada.

Apenas como exemplo e para evocar o papel atribuído à música na formação juvenil grega, recordemos as palavras de Platão: “A música não foi concedida aos homens pelos deuses imortais apenas para lhes deleitar agradavelmente os sentidos; mas sim e sobretudo para acalmar as perturbações das suas almas e os movimentos tumultuosos que, necessariamente, experimenta um corpo, como o nosso, cheio de imperfeições”.

É de tal modo profundo o efeito da música no mundo interior do homem e até dos animais, que é já de uso corrente a sua utilização como medicina, como factor de produção e até como orientador de tendências artísticas durante o desenvolvimento do feto humano.

Não é, de modo algum, exagerada a afirmação de Marmontel, quando diz que a música é, inconstestavelmente, de todas as artes aquela que reflecte duma maneira mais sensível o grau de desenvolvimento duma civilização.

Embora com algum exagero, ficou célebre a afirmação do nosso escritor Afonso Lopes Vieira: “Não me assusta demasiadamente que tantos portugueses não saibam ler; penaliza-me mais que não saibam cantar.”

Se, do canto em geral, passarmos para o canto colectivo ou em coro, cada vez mais se acentuará o valor desse maravilhoso modo de expressão.

A música ou o canto, regula o passo do cortejo, coordena o gesto dos remadores, dos ceifeiros, dos pedreiros... põe em unísono os corações do povo, dinamiza o entusiasmo nas touradas, caçadas, etc., emociona e cria um determinado clima nos filmes ou telenovelas, e estreita a amizade entre os membros do grupo. A este propó-

sito podemos afirmar que, quanto mais uma civilização é dotada dum verdadeiro sentido social, mais nela avulta o canto colectivo.

O canto comunitário está carregado de vida: o ritmo; de pensamento o texto; de emoção a melodia; mas, no fim, há uma só música. Este é o poder aglutinador da música coral: ele significa e realiza o grupo.

Além disso o canto também é um sinal de saúde e de liberdade. É o caso para recordarmos o Salmo 136 no qual se relata o mutismo do povo de Deus durante o cativeiro da Babilónia: “Como poderíamos nós cantar um cântico ao Senhor em terra estrangeira?”

Entre a música e o ser humano existe um certo paralelismo: ela também tem um corpo constituído pelos fenómenos físicos da vibração; tem uma alma formada pelas sensações que as vibrações físicas proporcionam e tem um espírito que é o seu poder revelador e emocional.

3 — A MÚSICA E A RELIGIÃO

Segundo uma velha lenda árabe, quando Deus criou o primeiro homem, formou o corpo e depois deu ordem à alma de penetrar nele e de o animar; a alma recusou-se. Deus, então, ordenou aos seus anjos que cantassem à alma as mais belas e doces melodias, e a alma comovida pela graça dos seus cantos, entrou no corpo.

Desde aquele tempo, a alma conservou a lembrança das melodias divinas e ficou sempre sensível à música.

Esta lenda exprime um facto indesmentível: a ideia religiosa ocupa no espírito do homem e, conseqüentemente, nas suas obras artísticas um dos primeiros, senão o primeiro lugar. Na verdade a arte é quase sempre religiosa. A arte é de natureza mais religiosa do que a ciência; a gente acredita e ama mais pelo sentimento do que pela razão.

Não é verdade que Deus atrai mais as almas pela beleza do que pela verdade? Por isso o salmista exclama: Ó Deus! Como são belas as tuas obras!

Para explicar, embora poeticamente, a relação da música com a religião, Jean Paul Richter escreveu o seguinte: Óh música, tu que

trazes as ondas de eternidade ao coração cansado do homem quando está na praia com ânsia de cruzar o mar! Serás a *brisa vespertina* desta vida ou o *ar matutino* da vida futura?

Teria aqui lugar uma digressão histórica através da mitologia antiga para observarmos o papel desempenhado pela música nas mais diversas manifestações religiosas pagãs.

O velho Cícero afirmava: Qual o povo ou raça que não teve, mesmo sem ser ensinado, algum pressentimento das divindades? Assim o demonstram os templos e túmulos do Egipto, as tábuas votivas da Fenícia, as inscrições cuneiformes da Mesopotâmia, a veneração dos antepassados na Índia, a arte e a filosofia grega, e até a deificação do imperador de Roma. Podemos concluir que a religião não é um acidente do tempo, é uma característica universal, e que a música é a expressão mais imediata e exacta da dinâmica da vida interior.

Analisemos agora as funções da música religiosa em geral e especialmente as do canto litúrgico. A música religiosa:

1) Activa o sentimento: — A religião nunca pode ser absolutamente racional. O sentir é primordial para a vida.

A música é o *veículo mais poderoso* da vida emotiva: gera e exprime os mais profundos sentimentos humanos.

Além disso, a música litúrgica é *ampliadora da ideia*. As verdades e as palavras despertam emoções. As ideias expressas por palavras simples tornam-se mais compreensíveis através da música. Em música litúrgica requerem-se grandes ideias, poucos raciocínios e boa música a realçar e sublimar o texto.

Nó culto cristão o objectivo não é “fazer música”, mas penetrar no mistério da salvação. Por isso, embora tudo possa ser sinal para a fé, nem tudo pode ser sinal no mesmo grau.

É pela beleza que a arte musical se torna sinal do sagrado.

Como começou o canto litúrgico?

Com certeza que o homem chamou por Deus. Ouviu-se o grito do homem, repetido com emoção, sobretudo se Deus não respondeu logo ao apelo daquele. Ao pronunciar emocionalmente o seu grito, a seu pedido de socorro, emergiu uma melodia natural que por um lado estava latente na musicalidade da palavra, e por outro na emoção

espiritual com que o homem emitiu o seu grito. Nasceu assim a primeira oração cantada. Também o Senhor Jesus gritou do alto da Cruz: Eli, Eli, lama sabachtani! Foi uma oração cantada. Sendo o canto a livre expressão do próprio ser exaltado pelo sopro que sai do íntimo do ser, que outra coisa não é senão uma oração profunda e total de quem o realiza? Poderia ainda acrescentar que o som musical torna as palavras mais penetrantes e permeáveis ao coração quer do homem, quer de Deus.

Mas, afinal, que relação existe entre a música-canto e a oração?
O canto é veículo da oração.

Se tomarmos qualquer dicionário e procurarmos o termo veículo lá encontraremos que deriva do verbo latino *vehere*, cujo significado é trazer, transportar.

Nas várias acepções da palavra encontramos: aquilo que serve para conduzir, p. ex: o ar é veículo do som; o que prepara, o que ajuda; em fisico-química, é o líquido que mantém outras matérias em suspensão; e, no sentido mais vulgar, é o meio de transporte. Desta simples consulta podemos com verdade concluir que o canto serve para: *conduzir à oração;*

transmitir aos outros a fé,
preparar um contacto íntimo com Deus,
levar a nossa oração até Deus.

Além disso, o canto litúrgico é mais ainda do que uma expressão ou exteriorização dos sentimentos religiosos, mesmo os mais profundos; tem um significado sagrado, quase misterioso, porque é um encontro. É um acontecimento salvífico.

O acto de cantar é uma autêntica celebração, que cria um novo estado — o estado de cantar.

O cantor da Igreja é necessariamente um tradutor, na sua vida, do mistério de Deus. Deve, por isso, estar marcado em profundidade pela autenticidade do gesto que realiza.

O canto litúrgico é "opus Dei".

Para que este canto resulte em encontro-acontecimento-diálogo, é necessário que esteja bem assimilado pelos executantes. Ora isso requer trabalho, ensaios, expressão nobre e justa, homenagem digna.

O canto litúrgico revela o coração do homem.

O homem quando canta, quando exprime dum modo sublime o sentido do texto, faz nascer dentro de si um sentimento profundo que estava dentro de si em gestação. Por isso, o *canto revela o conteúdo do coração do homem e a qualidade da sua relação com Deus*. É neste sentido que santo Agostinho fala dum cântico interior.

S. Exupery diz: “quando o coração está cheio, é necessário que os lábios se abram”. Não deve existir nenhum *hiato* entre a mente e a voz.

O canto litúrgico é uma graça divina.

Todos nós sabemos que a oração é uma graça de Deus; é uma actividade de Deus no homem. Embora Deus não prescindia do concurso do homem, é Ele quem toma a iniciativa e produz frutos sobrenaturais. Sendo o canto litúrgico uma oração ou um veículo para a oração, é também uma graça de Deus dada ao homem. Por isso, no princípio da Litúrgia das Horas invoca-se o Senhor dizendo: Abri, Senhor os meus lábios, e a minha boca anunciará os vossos louvores.

O canto litúrgico é uma manifestação de fé.

O canto em Igreja tem qualquer coisa de sacramental; é um sinal que simultaneamente manifesta e alimenta a fé existente naquele que canta bem. Como pode um canto litúrgico ser sinal de fé se não for apto a ser compreendido ou se se tornar num “produto de consumo?”

O canto litúrgico é veículo do texto proclamado.

Assim como se o leitor lê pelo nariz, tem um timbre metalizado, lê atabalhoadamente ou a correr; ou se o presidente reza a oração sem um dinamismo confiante, o mesmo texto não *viajará* da mesma maneira nem será recebido igualmente pelos auditores.

O canto litúrgico continua no silêncio.

Como todos sabemos, o silêncio também é música. Se, numa partitura, desprezamos as pausas, a execução será uma ridícula caricatura.

O silêncio, em liturgia, tem o efeito do eco. É a escuta do som de retorno ente o tempo de ser proferido o canto e de ser escutado inte-

riormente. É nesse retorno que, normalmente, Deus fala mais com o homem e o homem mais responde a Deus.

Concluamos este capítulo com o testemunho do Monge Pambom, do séc. IV: O canto exprime a alegria do crente penetrado pelo sentimento do divino; é um meio de proclamar e publicar a glória de Deus.

4— A MÚSICA E O CULTO CRISTÃO

1) A música cultural não pode servir a dois senhores... A partir deste princípio elementar enunciado por Jesus Cristo, teremos que rejeitar o profano. Embora saibamos que o profano e o sagrado não está tanto nas coisas, como no uso que delas fazemos, há delimitações claras nos extremos. Na zona duvidosa teremos de utilizar critérios de harmonia com o ambiente cultural e religioso. Contudo há princípios de bom senso e princípios gerais pelos quais nos podemos e devemos regular: 1.º tudo o que impedir ou dificultar a obtenção das finalidades da música litúrgica deve ser banido; 2.º tudo o que desidifique o comum dos fiéis deve ser evitado; 3.º tudo o que não tenha um nível mínimo de beleza e respeito, não é digno do culto de Deus; 4.º tudo o que não é adequado como o momento litúrgico que se celebra, deve ser substituído; e, como os últimos são os primeiros, tudo o que está manifestamente em oposição com o espírito dos documentos da Igreja deve ser afastado. Também aqui se aplica o “quem vos ouve a Mim ouve e quem vos despreza a Mim despreza”.

2) A música litúrgica não deve recusar o serviço do verdadeiro Deus, para se servir a si mesma. A arte pela arte, em liturgia, não tem lugar. A música litúrgica é funcional, o que não é o mesmo que utilitária. Numa palavra: ela deve ser um instrumento para a salvação, santificação dos homens e veículo de oração cultural.

Ao serviço de Deus a música litúrgica influencia favoravelmente a espiritualidade, a transcendência, a liberdade e a unidade da religião.

3) A música litúrgica é canto sagrado unido à Palavra.

A primeira finalidade da música sagrada é revestir de melodias adequadas o texto litúrgico proposto à consideração dos fiéis. Outra

será a de impregnar de sentido litúrgico outros textos inspirados nos textos bíblicos e cuja qualidade teológica, literária e pastoral não desdiga da seriedade e santidade dos actos de culto e dos momentos para os quais se destina. São Pio X, mesmo a grande distância do II Concílio do Vaticano, já afirmava: “o fim da música sacra é dar mais eficácia ao próprio texto”.

Só por falta desta indispensável qualidade, quantas composições musicais, que continuam a ser executadas na liturgia, deveriam, há muito tempo, ser banidas do culto. Daí um eterno adeus às adaptações de textos às melodias em voga ou construídas para outros fins, àquelas cuja melodia em nada realçam o texto, mas, pelo contrário o tornam ininteligível pelo fraccionamento ou pelo acompanhamento demasiado forte.

Concluamos: A palavra falada não é senão uma forma incompleta da linguagem humana. Convém às trocas familiares e utilitárias.

Mas quando a palavra se inflama, se enche de poder, quando se tende a unificar com a verdade enunciada, quando deve significar as relações sagradas, apela espontaneamente para o “melos”, para o elemento musical. O canto litúrgico, neste aspecto, pode ser considerado como a “veste de glória” da palavra de Deus.

5 — A MÚSICA LITÚRGICA E A ASSEMBLEIA CRISTÃ.

Chegamos, finalmente, ao ponto central do tema que nos foi apresentado. A assembleia cristã é a manifestação visível do corpo místico do Senhor. Quando esta assembleia se reúne em nome de Jesus para celebrar os mistérios da sua fé, essa acção comum, chamada liturgia, é composta dum certo número de práticas simbólicas (ritos e sacramentos). Entre essas práticas, o canto ocupa um lugar privilegiado, já que nele e por ele se manifesta claramente o carácter orgânico e hierarquizado do corpo vivo da Igreja constituído pelos diversos membros da assembleia.

O canto litúrgico articula-se entre os dois polos constitutivos da assembleia: o *celebrante* e o *povo*. Nesta dualidade está presente o

mistério da Igreja: *Cristo cabeça* e *o seu Corpo*, a Igreja. O canto, ao ser executado, manifesta claramente a hierarquia das funções exercidas pelos membros da assembleia.

Os espaços litúrgicos reservados a cada um dos elementos constitutivos da assembleia são, respectivamente, o “santuário”, ou presbitério, e a nave, corpo do edifício. Assim como um corpo mais perfeito tem organismos mais diferenciados, assim a assembleia cantante tem, nos seus elementos constitutivos, funções diversificadas quer no santuário, quer na nave. A todos esses elementos, exceptando o celebrante, dá-se o nome de ministros. Do mesmo modo que a cabeça necessita de olhos e de boca, também *o santuário* tem necessidade do diácono para proclamar o evangelho, de leitores para proclamar os outros livros da Sagrada Escritura, do salmista para cantar o salmo responsorial, do condutor da assembleia para dinamizar e orientar o canto, do organista para acompanhar o canto ou para criar um clima de oração. *A nave*, por sua vez, responde às aclamações, recorre às ladainhas, aos salmos, aos hinos, aos cânticos populares litúrgicos.

Mas, às vezes, precisa de lançar mão dum novo elemento chamado Coro ou grupo coral, quer para o ajudar, quer mesmo para o representar executando obras musicais mais artísticas e mais belas, cuja realização lhe ultrapassa as possibilidades.

Do mesmo modo que num concerto há muitas vozes e muitos executantes, mas existe um único concerto, também numa assembleia litúrgica, que canta quando celebra uma liturgia festiva, há muitos intervenientes, mas uma só celebração. Pela voz do celebrante e dos ministros, do povo e do coro estabelece-se um diálogo entre o homem e Deus realizando-se uma das características do culto cristão: unidade na diversidade. A estas diversificadas funções, chamamos-lhe ministérios.

O canto do povo

Na liturgia a voz do povo responde sempre à voz do celebrante. Mas convém sublinhar que, mesmo quando apenas um ou alguns

exercem o ministério do canto, ele é de toda a assembleia, pois se trata duma acção comunitária..

O canto do povo é um elemento constitutivo da liturgia. Na Constituição sobre a Sagrada Liturgia diz-se textualmente: “Na liturgia, Deus fala ao seu povo... E o povo responde a Deus, ora com cânticos ora com orações.” E o mesmo documento continua: “Em virtude da sua estrutura, a Missa pede que todos os presentes dela participem segundo o seu modo próprio”. No que se refere ao modo próprio do povo, concretiza indicando que este deve participar “sobretudo nas respostas, nas orações e no canto”. A importância do canto do povo é evidente pelos mais variados motivos.

1.º Sendo os sinais sagrados canais da graça divina para os fiéis, e sendo o canto litúrgico um dos sinais mais fortes, não nos podemos esquecer que privar os fiéis do canto comunitário a que tem direito, é privá-los duma participação completa na acção litúrgica e, consequentemente, privá-los dum meio de acesso à graça divina.

2.º Nada significa melhor a unidade dos crentes e a sua comunhão de caridade do que o canto da assembleia, e nada favorece melhor a sua unanimidade do que o facto de rezar, não somente com as mesmas palavras, mas com o mesmo ritmo e no mesmo tom. Pelo canto se realiza plenamente a lei tradicional duma assembleia em oração: “una voce dicentes”. Podemos afirmar que o canto da assembleia é uma confissão de unidade, à volta do Bispo-Pastor, à imagem de Cristo. Pelo canto da assembleia, que é o louvor dos ressuscitados, evoca-se toda a história da salvação, desde o “maranatha” adventício até ao apocalíptico canto novo do cordeiro.

3.º A liturgia cristã é marcada por um carácter festivo. O canto litúrgico traduz de algum modo a alegria misteriosa daqueles que sabem estar remidos pelo Senhor Jesus. Além disso, o canto litúrgico deve apoiar-se normalmente na palavra revelada. Sendo assim, o canto contém a própria Boa Nova da salvação e o louvor daqueles que se sentem verdadeiramente salvos.

4.º O canto da assembleia pode ainda exercer sobre ela uma força interpelativa. Ao verificar a ausência de tantos irmãos na assembleia litúrgica, e ao sentir a emoção dum encontro com o Senhor,

cada membro participante é convidado pela voz do Espírito a construir, cada vez mais, uma assembleia maior e mais viva, e, para isso, torna-se um apóstolo.

Por outro lado, ao cantar o cântico novo, o crente recordará que ainda há muitos homens sem voz para erguer esse maravilhoso hino de glória, ou porque o Evangelho ainda não lhes foi apresentado, ou porque, embora apresentado, ainda não penetrou no homem todo e na sua cultura. Realmente ainda faltam muitas vozes para o concerto dos 144.000 eleitos.

4.º O povo, na celebração litúrgica, está sempre presente ao lado de cada um dos grandes actores do prebitério. Está com os leitores e responde: Graças a Deus. Está com o diácono e responde às suas advertências: Glória a Vós, Senhor, amen, graças a Deus; está com o celebrante antes e depois das orações, no diálogo da anáfora, no santo, na conclusão solene da mesma. Com o celebrante reza a oração do Senhor, o Glória e o Credo.

Como já foi dito, o povo procura, às vezes, a ajuda do coro quer para alternar com ele, quer para o representar de um modo mais elevado, mais belo. Também neste caso a participação da assembleia é ou deve ser activa, escutando e refletindo na mensagem do texto com o auxílio da beleza artística que, sozinho, não era capaz de expressar. O coro, neste caso, é um prolongamento da assembleia donde, normalmente, foi formado.

5.º O canto litúrgico, mormente o canto da assembleia, é a exaltação das palavras sagradas. Utilizado no culto público, torna-se um elemento que compromete positiva ou negativamente a Igreja. Não é já a oração dum indivíduo particular muito bem intencionado. É uma forma pública da oração eclesial. Daqui se pode concluir o máximo cuidado a ter com as músicas que servem o altar e o povo de Deus. O critério pessoal pode não coincidir com o critério da Igreja. E no canto da assembleia está comprometida toda a Igreja.

6.º A música da assembleia, pode estar próxima do modo de ser e da piedade da assembleia. É o caso dos trechos em língua vulgar. Neste domínio não deve ser tolerada nenhuma improvisação. Assim como não se improvisa um poeta ou um teólogo, também não se pode improvisar um compositor de música para a liturgia.

A hierarquia da Igreja não pode continuar a desconhecer a necessidade de enviar para as Escolas Superiores de Música Sacra alguns dos seus colaboradores a fim de se apetrecharem tecnicamente para o exercício do munus de compositores de música litúrgica. Em assunto de tanta monta para a fé e para a sua expressão cultural, qualquer desinteresse ou desleixo pode ter consequências imprevisíveis.

7.º A oração cantada comunitariamente, para ser frutuosa e poder dar um testemunho de oração, necessita de muita qualidade interior e exterior. Regra geral, a *qualidade do canto comunitário reflecte a qualidade dessa mesma comunidade!* O modo como se preparam e se celebram as liturgias pode, normalmente, servir de termómetro avaliador da temperatura espiritual das comunidades.

8.º O canto da Assembleia e a sua efectivação pressupõem uma catequese bíblica e litúrgica permanente e adequada.

Não será por causa da falta desta catequese que as nossas assembleias continuam mudas, limitando-se a assistir aos actos culturais de um modo meramente passivo?

Não nos podemos esquecer que os meios visuais ou mesmo os audio-visuais tem absorvido em grande parte os hábitos do canto colectivo.

O povo, embriagado ou alienado pelo som potente dos altifalantes e sub-alimentado pelas “modinhas” brejeiras, deixou de cantar, tanto em casa como nos trabalhos; muitos jovens, atingidos pela “droga” chamada barulho, refugiam-se nas estereofonias dos auscultadores com os potenciómetros no máximo e já pouco mais conseguem trautear do que alguns vocábulos americanos cujo significado raras vezes conhecem, tal é o seu estado de pobreza cultural.

Os novos meios de diversão, desde as discotecas até às máquinas de jogo, inibem, de algum modo, os jovens de manifestar, pelo canto, os seus sentimentos, quer pelos decibéis que esses ambientes debitam e que provocam uma autêntica alienação, quer pela poluição moral que inoculam e que vão bloquear as expressões mais nobres da alma.

Com uma assembleia assim debilitada não é fácil conseguir a sua necessária participação no canto comunitário desta índole.

É preciso realizar um *trabalho paciente, persistente e gradual*, mas com muita seriedade. Os frutos não surgirão de imediato mas, nem por isso, podemos cair no desânimo.

9.º Em matéria de canto da assembleia verdadeiramente litúrgico, ainda estamos a ensaiar os primeiros passos. É evidente que me refiro à Igreja em Portugal no seu todo e não a algumas parcelas em concreto.

Se me fosse permitido ousava fazer um voto:

— que as formas passageiras, as músicas banais, as expressões musicais pobres ou mesmo descabidas, fossem como as sandálias dum eterno viajante. Descobertas outras sandálias que favoreçam mais e melhor a caminhada para a meta, logo o viajante as troca. Não fica com saudades das velhas sandálias, porque encontrou outras melhores.

Que todos nos ajudemos mutuamente a prosseguir nesta tarefa de dar maior dignidade e funcionalidade à música litúrgica, porque, embora o caminho seja longo e difícil, atingiremos um dia a Terra Prometida.

JOSÉ FERNANDES DA SILVA

BIBLIOGRAFIA

- D'OLLONE-MAX — *Langage Musical* — La Palatine-Paris-Genève.
HISSARLIAN LAGOUTT, P. — *Philosophie et Esthétique de l'Art Musical* (ed. Maurice e Pierre Foetish).
CAMILLE BELLAIGUE — *Psychologie Musical* — Librairie Ch. Delagrave.
JOSEPH GELINEAU, S. J. *Canto e Música no culto cristão*.
RAYMOND COURT — *Le Musical* (Ed. Klincksiek).
SOLANGE CORBAIN — *L'Église à conquête de sa musique* — Gallimard.
HELMUT HUCKE — *Le problème de la musique religieuse* — In Rev. La Maison-Dieu, n.º 108, pp. 7-21
RAINOLDI FELICE — De la musique dans les liturgies chrétiennes, Rev. La Maison-Dieu, n.º 145, pp. 7-23.
Vários autores — 2. Concile du Vatican — *La Constitution sur la Liturgie, Commentaire Complet*, Rev. La Maison-Dieu-n.º 77.